

FO
CX. 65
4.296/2011

INSTITUTO NACIONAL DO ÍNDIO - CGTI
ALTA ESCOLA CURTI NIMUJENDAJU

ARAWETÉ

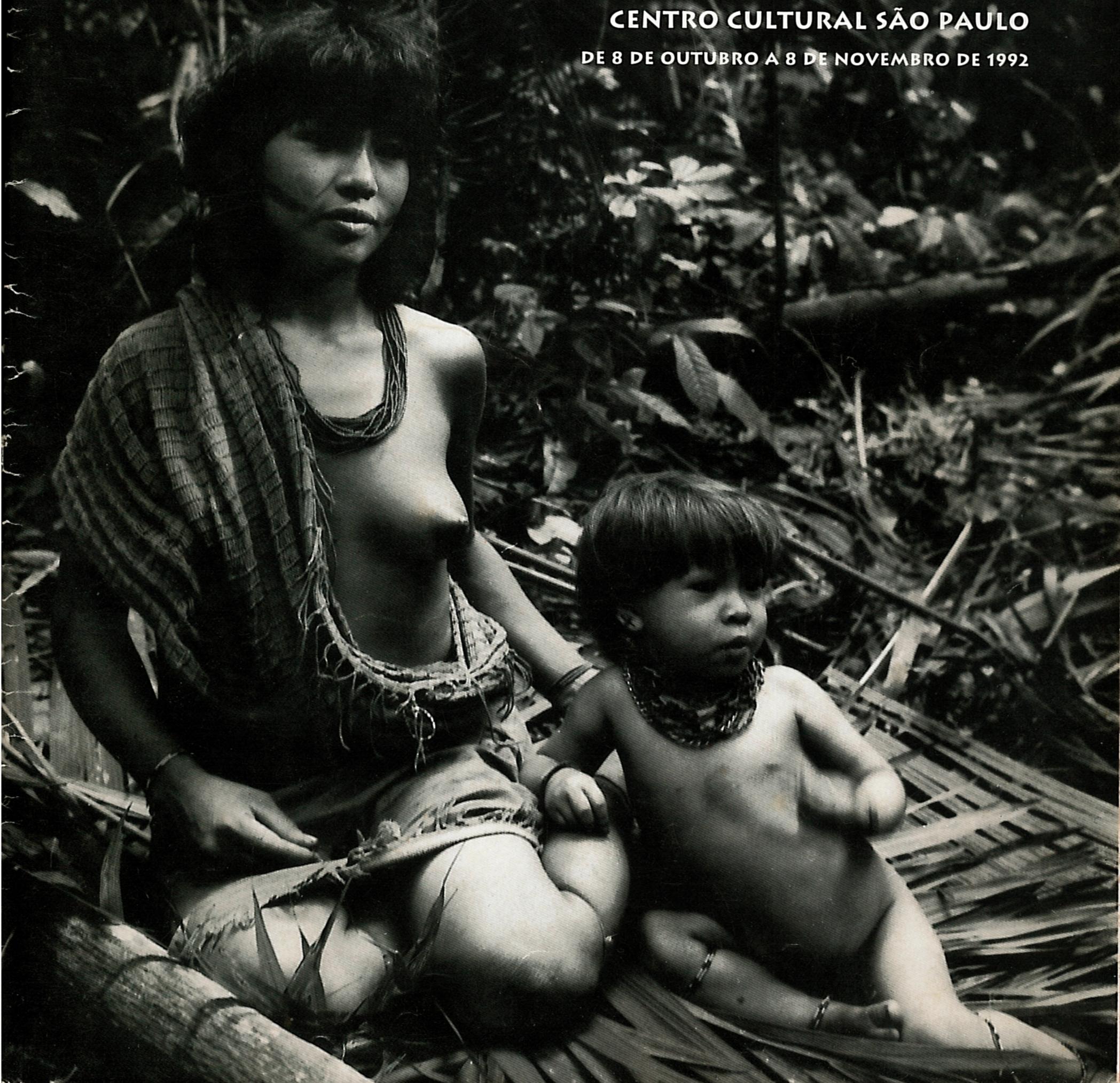
VISÃO DE UM POVO TUPI DA AMAZÔNIA

FOTOGRAFIA · VÍDEO · DESENHO · PINTURA · OBJETOS · TEXTOS · SONS

UMA EXPOSIÇÃO MULTIMEIOS

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

DE 8 DE OUTUBRO A 8 DE NOVEMBRO DE 1992



"ESTAMOS NO MEIO"

No começo os humanos e os deuses (Maï) moravam todos juntos. Este era um mundo sem morte e sem trabalho, mas também sem fogo e sem plantas cultivadas. Um dia, insultado por sua esposa humana, o deus Aranãmĩ decidiu abandonar a terra. Acompanhado por seu sobrinho Hehede'a, ele tomou seu chocalho de pajé e começou a cantar e a fumar. Cantando, fez com que o solo de pedra onde estava subisse às alturas. Assim se formou o firmamento: o céu que se vê hoje é o lado de baixo desta grande placa de pedra. Junto com Aranãmĩ e seu sobrinho subiram dezenas de outras raças divinas: os Maï hete, os Awerikã, Marairã, Ñã-Maï, Tiwawĩ, Awĩ Peye, Moropici. Os Iwã Pidi Pa subiram ainda mais alto, formando um segundo céu — o “céu vermelho”.

A separação do céu e da terra causou uma catástrofe. Privada de seu alicerce de pedra, a terra se dissolveu sob as águas de um dilúvio: o jacaré e a piranha monstruosos devoravam os humanos. Apenas dois homens e uma mulher conseguiram se salvar, subindo num pé de bacaba. Eles são os tema ipi, a “origem da rama” — os ancestrais da humanidade atual. Na convulsão provocada pelo dilúvio, alguns Maï procuraram escapar dos monstros afundando na água e criando o mundo inferior, onde habitam hoje, em ilhas de um grande rio subterrâneo.



Rubens Matuck, 1991, aquarela s/papel de algodão em caderno artesanal

“Estamos no meio”, dizem os Araweté da humanidade. Habitamos a terra, este patamar intermediário entre os dois céus e o mundo subterrâneo, povoados pelos deuses que se exilaram no começo dos tempos. As marcas da divisão do cosmos estão em toda parte: os morrotes de pedra que pontuam o território araweté são fragmentos do céu que se ergueu; as pedras do igarapé Ipixuna ainda guardam as pegadas dos Maï; as moitas de banana-brava espalhadas na mata são as antigas roças dos deuses, que comiam desta planta antes de conhecerem o milho. As plantas cultivadas e a arte de cozinhar os alimentos foram reveladas aos humanos e aos deuses por um pequeno pássaro vermelho da floresta.

O nome “araweté” não significa nada na língua do grupo. O único termo que poderia ser considerado uma auto-denominação é bĩde, que significa “nós”, “a gente”, “os seres humanos”. Todos os humanos são bĩde, mas os humanos por excelência são os Araweté: os outros povos indígenas e os “brancos” são awĩ, “estrangeiros” ou “inimigos”.

Bĩde, os humanos, são chamados pelos Araweté de “os abandonados”, os que foram deixados para trás pelos deuses. Tudo que há em nosso mundo do meio é o que foi abandonado; para os céus foram os maiores e melhores animais, plantas, e gente — pois os Maï são como a gente, porém mais belos, mais altos, mais fortes e imponentes. Tudo no céu é feito de pedra, imperecível e perfeito: as casas, as panelas, os arcos, os machados. A pedra é, para os deuses, maleável como o barro para nós. Lá ninguém trabalha, pois o milho se planta sozinho, as ferramentas agrícolas operam por si mesmas. O mundo celeste é um mundo de caçadas, danças, festas constantes de cauim de milho; seus habitantes estão sempre esplendidamente pintados de jenipapo, adornados com penas de cotinga e arara, perfumados com a resina da árvore ičiri'i.

Mas os Maï são, acima de tudo, imunes à doença e à morte: eles levaram consigo a ciência da eterna juventude. O exílio dos deuses criou a condição de tudo que é terrestre — a submissão ao tempo, isto é, o envelhecimento e a morte. Mas, se partilharmos desta comum condição mortal, distinguimo-nos dos demais habitantes da terra por termos um futuro. Os humanos são “aqueles que irão”, que reencontrarão os Maï no céu, após a morte. A divisão entre o céu e a terra não é intransponível: os deuses falam com os homens, e os homens estarão um dia à altura dos deuses.



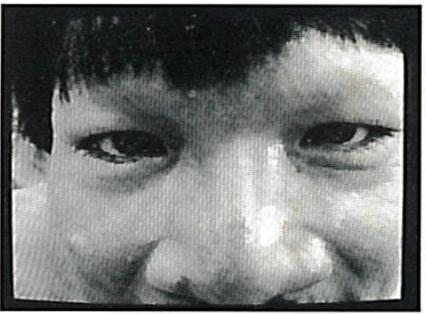
Sequência: vendo TV, 1991

"AGORA ESTAMOS NA BEIRA DA TERRA"

Os Araweté são uma população tupi-guarani de caçadores e agricultores da floresta de terra firme, que se deslocou há cerca de trinta e cinco anos das cabeceiras do rio Bacajá, a sudeste, em direção ao Xingu, no Estado do Pará. Eles dizem viver agora "na beira da terra": sua tradição fala de sucessivos deslocamentos a partir de algum lugar a leste (o centro da terra), sempre em fuga diante de inimigos mais poderosos.

Os Araweté eram oficialmente desconhecidos até o começo da década de 1970. Seu 'contato' pela Funai data de 1976, quando buscaram as margens do Xingu fugindo do assédio dos Parakanã, outro grupo tupi-guarani. Antes disto, haviam tido breves encontros, nem sempre pacíficos, com os caçadores de pele que percorriam as matas do Ipixuna. É provável que os Araweté, como vários outros grupos tupi da região, sejam os descendentes da grande tribo dos Pacajás, objeto de intensa atividade missionária por parte dos jesuítas durante o século XVII, da qual numerosos contingentes resistiram à catequese, retomando à floresta.

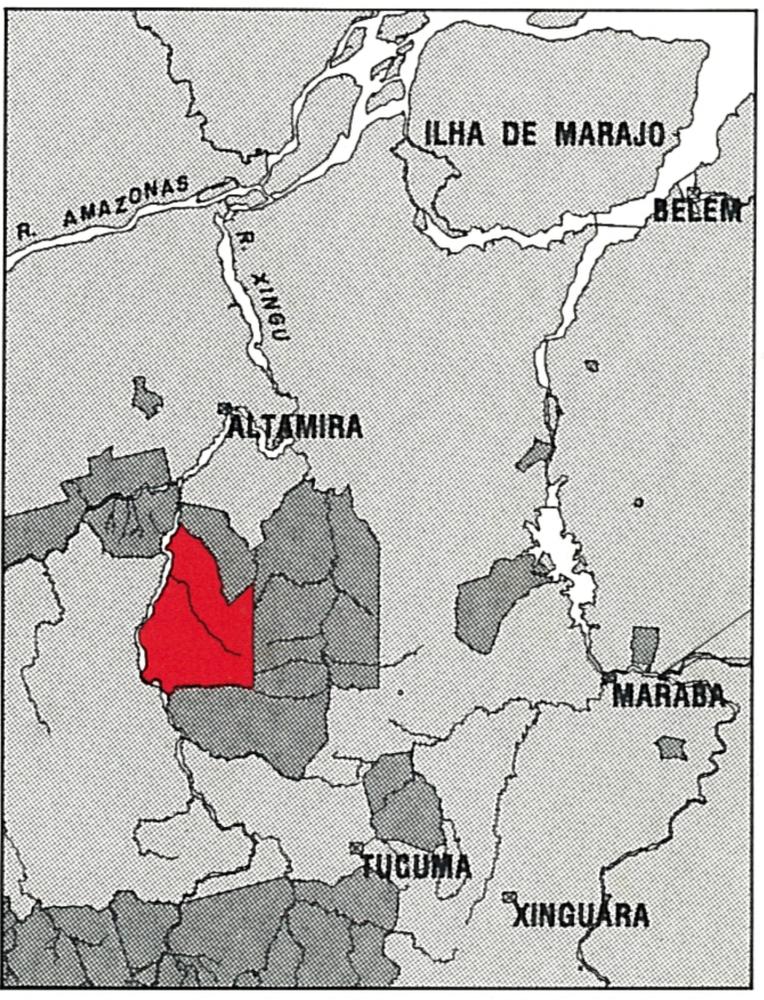
A população araweté imediatamente anterior ao contato era de pelo menos 200 pessoas. Devido às condições desastrosas em que o 'contato' com a FUNAI se realizou, a mortalidade causada por epidemias e desnutrição levou o grupo ao mínimo de 120 pessoas, em 1977. Em setembro de 1992 a população chegou a 205, o que indica uma boa recuperação demográfica. Embora ainda bastante vulneráveis às doenças estrangeiras, sua situação geral de saúde é boa, o que se deve mais ao relativo isolamento em que vivem que à assistência da FUNAI. Hoje, o território dos Araweté está ameaçado por companhias madeireiras que vêm explorando ilegalmente as reservas de mogno da região do Xingu-Bacajá.



Irawadi-do vendo a câmera, 1991

FOTOS: FRANCISCO OTTONI/CEDI - IMAGENS DE VIDEO: MURILLO SANTOS/CEDI

Os Araweté habitam hoje uma só aldeia junto ao Posto Indígena Ipixuna (da FUNAI), às margens do igarapé Ipixuna, afluente da margem direita do Médio Xingu, no Pará. O Ipixuna é um rio de águas negras, encachoeirado, que corre em um leito rochoso na direção sudeste-noroeste. A vegetação dominante na bacia do Ipixuna é a floresta aberta com palmeiras, onde as árvores raramente ultrapassam vinte e cinco metros. Nos arredores da aldeia há extensas áreas de "mata de cipó", onde lianas e plantas espinhosas tornam a caminhada difícil. O terreno é pontilhado de irrupções graníticas que em seu topo se cobrem de cactus, bromélias e agaves. A caça é abundante, dada a grande quantidade de árvores frutíferas. O regime de chuvas é bem marcado, com uma estação seca que se estende de abril a novembro e uma chuvosa nos meses restantes. Entre agosto e novembro o rio se torna impraticável, expondo extensos lajeiros e formando poços de água estagnada



OS RITMOS DA VIDA

A vida social e econômica dos Araweté é marcada por um ritmo binário: floresta e aldeia, caça e agricultura, chuva e seca, dispersão e concentração. No começo da estação chuvosa, tão logo o milho foi plantado, a aldeia se dispersa na floresta por três a quatro meses, vivendo da caça e da coleta de frutos e mel. Em março, os diversos grupos de excursionistas se reúnem na aldeia para a festa do milho verde, que inaugura a fase de vida aldeã e se estende por toda a estação seca.

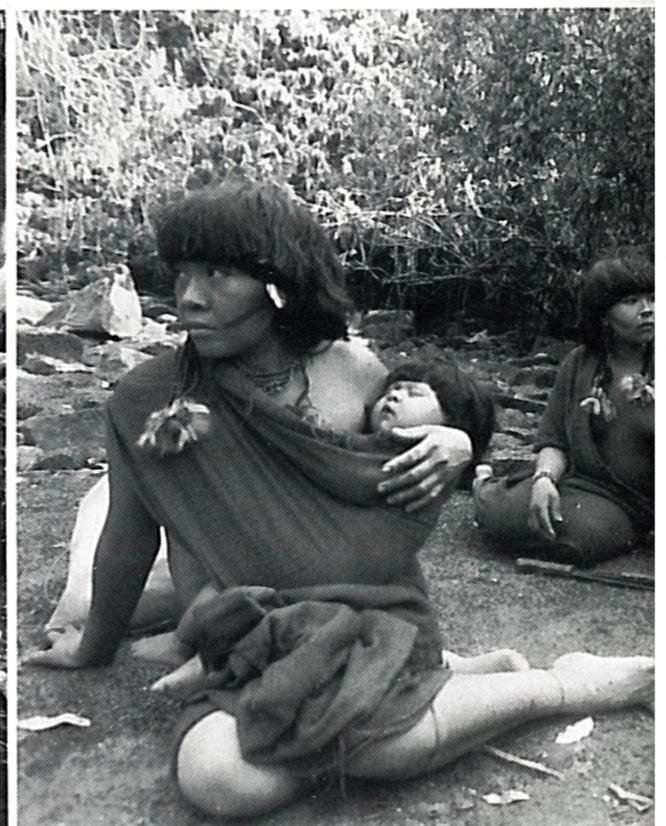
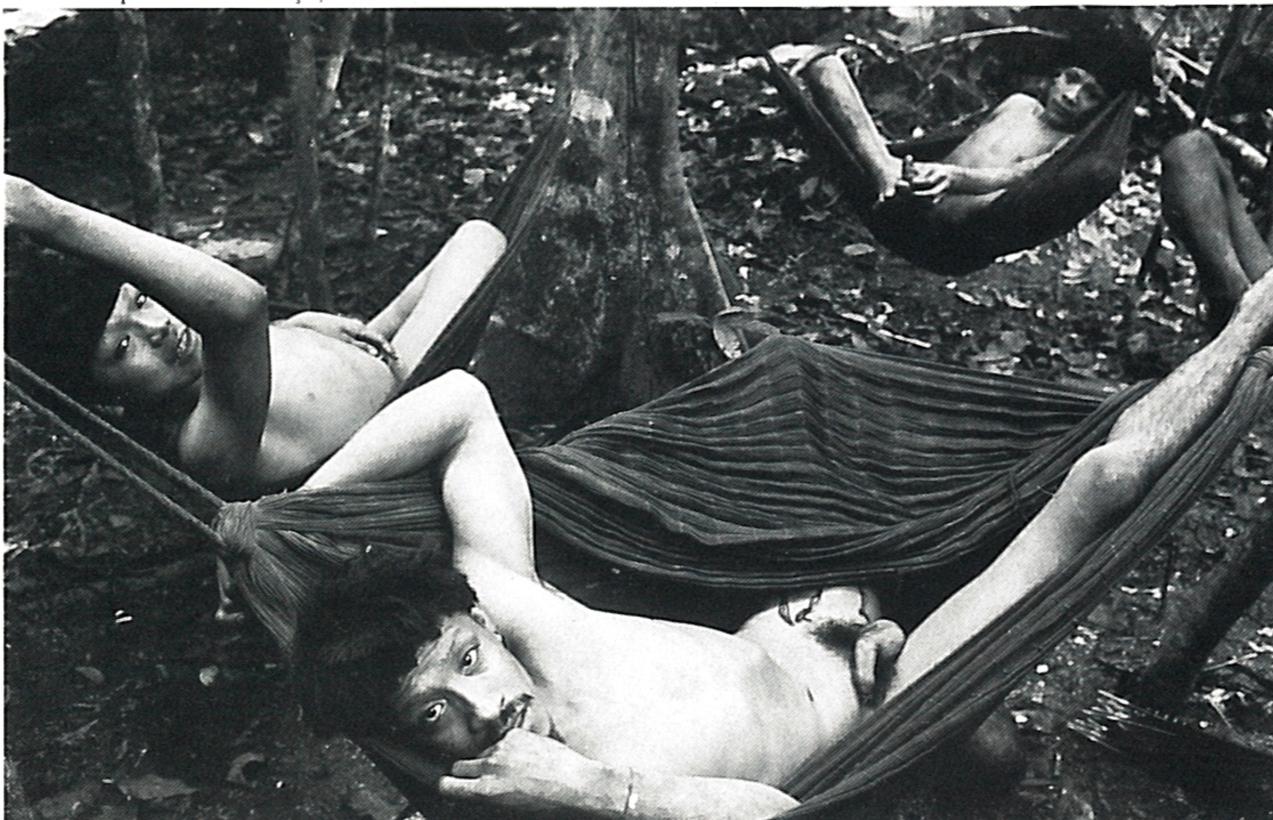
Awara-ro flechando peixe, 1991

Antes do contato, as aldeias tinham uma população média de 50 pessoas, ocupando uma extensa região das bacias do Ipixuna e Bom Jardim. Elas se dividiam em dois blocos, distantes um do outro. As aldeias do mesmo bloco ficavam dentro do raio de um dia de marcha; reuniam-se para as festas e eram aliadas por casamento. As aldeias eram abandonadas após um período médio de quatro anos, devido à distância crescente das roças (que aumentava o perigo de emboscadas inimigas) ou por causa da morte de alguma pessoa eminente.

As aldeias eram multicêntricas, formadas por agrupamentos de casas conjugais; cada agrupamento abrigava uma família extensa uxorilocal (casal mais velho, filhas casadas e genros, filhos solteiros) ou um grupo de irmãos casados. Não havia um centro comunal da aldeia; as cerimônias eram realizadas nos pátios privados de cada agrupamento. A aldeia atual mantém esta estrutura, embora seja muito maior que as aldeias tradicionais. As famílias extensas são a unidade de produção para as atividades agrícolas.

A organização social araweté se funda na parentela, não possuindo nenhuma estrutura intermediária entre a família extensa e a tribo. Cada agrupamento de famílias aparentadas é politicamente autônomo, embora a aldeia reconheça um casal como seu “líder” e “dono”. Trata-se sempre do casal que fundou a aldeia, mudando-se de um local anterior e abrindo a primeira roça de milho. O líder é encarregado de iniciar formalmente os movimentos coletivos, tais como a dispersão da estação chuvosa, mas não dispõe de autoridade maior.

No acampamento de caça, 1981



A RELIGIÃO ARAWETÉ

A relação entre a humanidade e os deuses, os Mai, é o eixo da religião araweté. Os humanos e os Mai são ligados por relações de afinidade — pois as almas dos mortos casam-se com os deuses — e por um sistema ritual de oferendas alimentares. Os Mai podem (e finalmente irão) aniquilar a terra, fazendo o céu desmoronar. Toda morte tem como causa final a vontade dos Mai, que são concebidos como, ao mesmo tempo, Araweté ideais e canibais perigosos. Entre as dezenas de espécies de Mai, que em sua maioria possuem nomes de animais, a mais importante são os Mai hete (“deuses verdadeiros”), que transformam as almas dos mortos em seres imortais, após uma operação canibal. Há ainda os Añi, espíritos selváticos e brutais habitantes do patamar terrestre, que invadem as aldeias e devem ser mortos pelos pajés. Há o temido Iwikatihã ou Parani ñã (Senhor do Rio), um poderoso espírito subaquático que rapta as almas de mulheres e crianças.

Os peye (pajés) são os intermediários entre os humanos e a vasta população sobrenatural do cosmos. Sua atividade mais importante é a condução dos Mai e das almas dos mortos à terra, para participarem dos banquetes cerimoniais. Nestes banquetes, os alimentos produzidos coletivamente são oferecidos aos visitantes celestes antes de serem consumidos pelos humanos. Os alimentos rituais mais importantes são jabotis, mel, açaí, guaribas, peixes e o mingau alcoólico (cauim) de milho. A festa do cauim é o clímax da vida ritual araweté, combinando simbolismos religiosos e guerreiros. O líder das danças e cantos que acompanham o consumo do cauim é idealmente um grande guerreiro, que aprendeu as canções da boca dos espíritos de inimigos mortos.

O canto é o núcleo da vida cerimonial. A “música dos deuses” cantada pelos pajés e a “música dos inimigos” cantada pelos guerreiros são os dois únicos gêneros musicais araweté. Em ambas modalidades de canto, trata-se sempre de ouvir as palavras dos “outros”, deuses e inimigos, citadas através de fórmulas retóricas muito complexas.

Os mortos são enterrados em caminhos abandonados na floresta. A morte divide a pessoa em dois aspectos antagônicos: um espectro terrestre associado ao corpo e aos espíritos Añi e uma alma ou princípio vital celeste associado à consciência e aos Mai. O espectro assombra os vivos enquanto o corpo se decompõe, até que retorna à aldeia natal do falecido e ali desaparece. Uma morte provoca a imediata dispersão da aldeia na floresta, que dura o tempo da decomposição do cadáver.

A alma celeste é morta e devorada pelos Mai ao chegar ao céu, sendo então ressuscitada mediante um banho mágico que a transforma em um ser divino e eternamente jovem. As almas dos mortos recentes vêm frequentemente à terra nos cantos dos pajés, falar com os parentes e narrar as delícias do céu. Após duas gerações elas cessam seus passeios, pois ninguém mais na terra se recorda delas. A condição de guerreiro é a única que torna desnecessária a transubstanciação canibal no céu; os matadores de inimigo, fundidos em espírito com suas vítimas, gozam de um estatuto especial no Além.



1991



Reformando uma casa tradicional, 1981



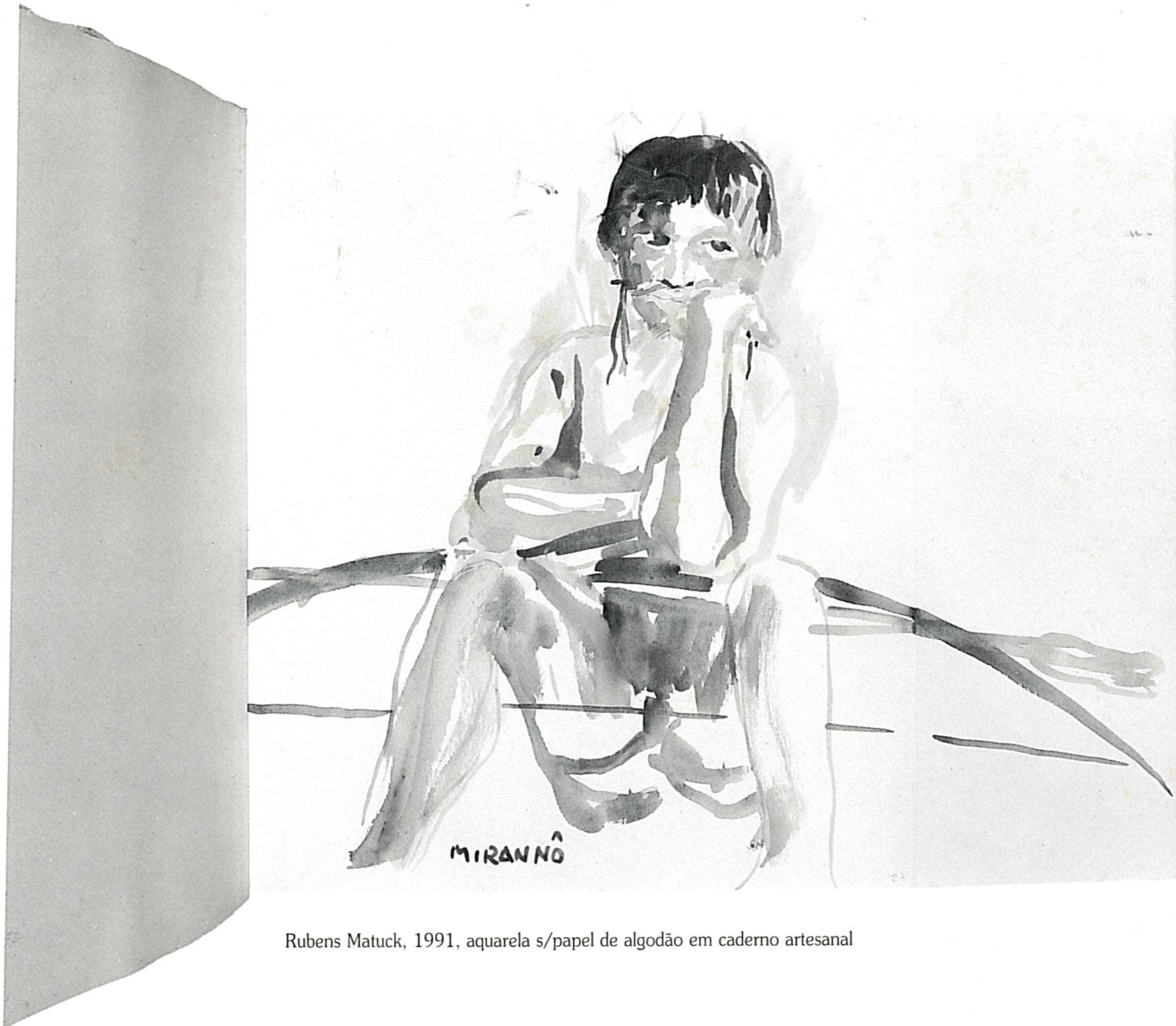


FOTO: ROMULO FIALDINI

Rubens Matuck, 1991, aquarela s/papel de algodão em caderno artesanal

A versão original dessa exposição consta de: 66 ampliações cor 40x60cm em cópia direta a partir de cromo 35mm; três ampliações cor 100x150cm em cópia a partir de internegativo 4x5"; 12 ampliações pb 40x60cm a partir de negativo 35mm; 49 ampliações pb 30x40cm a partir de negativo 35mm; 12 ampliações 40x60 cm a partir de filme traço reproduzindo mapas, gráficos e recortes de jornal; uma montagem com seis ampliações cor a partir de imagem de satélite em cromo (19x20cm); seis ampliações pb 70x70cm a partir de internegativos 5X5"; seis pinturas em acrílico sobre tela sobre painel (122x175cm); quinze pinturas em acrílico sobre tela sobre painel (122x100cm); três pinturas em acrílico sobre tela sobre painel (120x80, 110x80 e 110x69cm); quatro cadernos feito a mão em papel de algodão com anotações em aquarela e nanquim; 38 arcos de adulto, dois arcos de criança, 392 flechas de adulto, quatro flechas de criança, nove chocalhos de xamanismo, sete formões, três diademas, 20 saias, 47 brincos, 78 colares, uma testeira, duas canastras para penas, um cesto para farinha de milho, uma armadilha de pesca; trilha visual (45') editada a partir de registro (45 horas) em video SVHS; trilha sonora (45'); back projection de cromos duplicados de originais 35 mm. Na versão instalada no CCSP esse material foi exposto tendo como suporte painéis de madeira (165 metros lineares) e seis vitrines (três horizontais 200x100x60, uma de 300x100x60 e duas verticais de 200x100x30) com iluminação especial (68 luminárias de foco direcional com lâmpadas dicróicas), dois telões e um monitor para projeção de vídeo, dois projetores de slides e um estúdio de TV (400x400x220).

Kãñipaya-ro pescando com timbó, 1991



FOTOS: EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

FICHA TÉCNICA

Projeto original: PIB-CEDI/PPGAS do Museu Nacional

Realização: Programa Povos Indígenas no Brasil e Setor de Imagens do CEDI, com a participação de convidados especiais.

Co-patrocinio: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Coordenação geral: Carlos Alberto Ricardo/CEDI

Curadoria e projeto da instalação: Rosely Nakagawa

Pesquisa antropológica, textos e fotos: Eduardo Viveiros de Castro
PPGAS-MN

Desenhos e pinturas: Rubens Matuck

Vídeo (direção e fotografia): Murilo Santos

Trilha sonora: "Pau Brasil". Lelo Nazario (teclados), Rodolfo Stroeter (baixo), Nenê (bateria e percussão), Paulo Bellinati (violão, viola e cavaquinho), Teco Cardoso (sopros), e a participação especial de Marlui Miranda (voz e instrumentos indígenas).

Direção musical: Rodolfo Stroeter & Teco Cardoso

Coordenação de produção de imagem: Labi Mendonça/CEDI

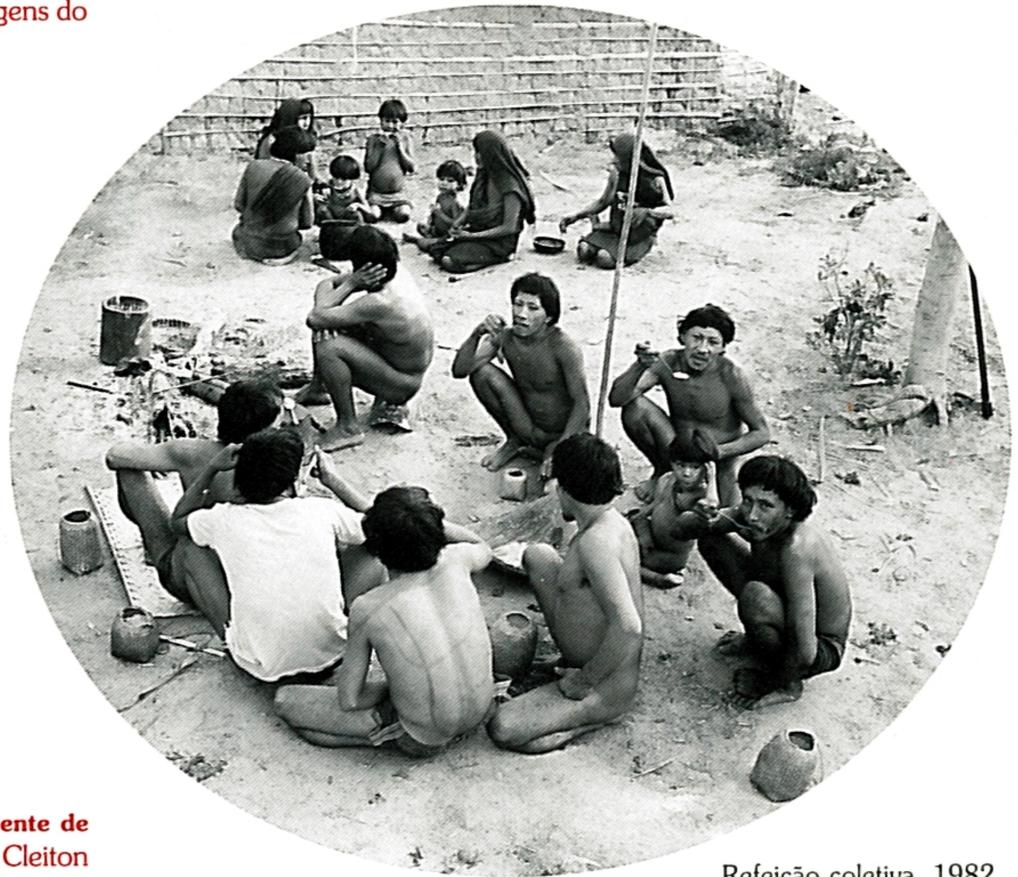
Produção executiva: Labi Mendonça & Mário Borgneth

• **Fotos complementares:** Murilo Santos e Beto Ricardo • **Assistente de câmera e editor de vídeo:** Vicente Kubrusly • **Operador de som:** Cleiton Capelossi • **Assistente de edição e laboratório/fotos:** Patrícia Corsi di Filippi • **Laboratorista fotos pb:** Francisco Ottoni • **Editor de texto:** Beto Ricardo • **Mapas:** Sérgio M.Santos Filho e Alicia Rolla • **Secretárias:** Luciana Carneiro e Vera Feitosa • **Colaboradores:** Marcelino Sato, Wilson Roberto da Silva • **Projeto gráfico do cartaz/catálogo:** Maria Helena Pereira da Silva • **Reproduções fotográficas para cartaz/catálogo:** Romulo Fialdini • **Produção executiva da trilha sonora:** Kiki Felipe

• **Agradecimentos:** Benigno Pessoa Marques, Cleide P. Marques, Eliene Araújo de Jesus, Adocildo Soares, José Américo Motta Pessanha, Cleide Aparecida José, Catarina M. Ramos, Maria Amália Pie Abib Andery e Eduardo Portes.

• **Ampliações fotos cor:** Laboratório Profissional Curt • **Construção dos painéis:** Painéis Hera Ltda. • **Imagens de satélite:** INPE • **Estúdio de som:** Fábrica Criações Fonográficas Ltda • **Fotolito:** Editora Gráficos Burti • **Impressão:** Gráfica Águia

• **Apoios:** Centro Cultural São Paulo, VARIG (franquia de carga, viagem da seca), VASP (passagens e franquia de carga, viagem da chuva), FOTOPTICA (30 mts. película p/b 35mm).



Refeição coletiva, 1982

O pajé Mirã-no, 1991

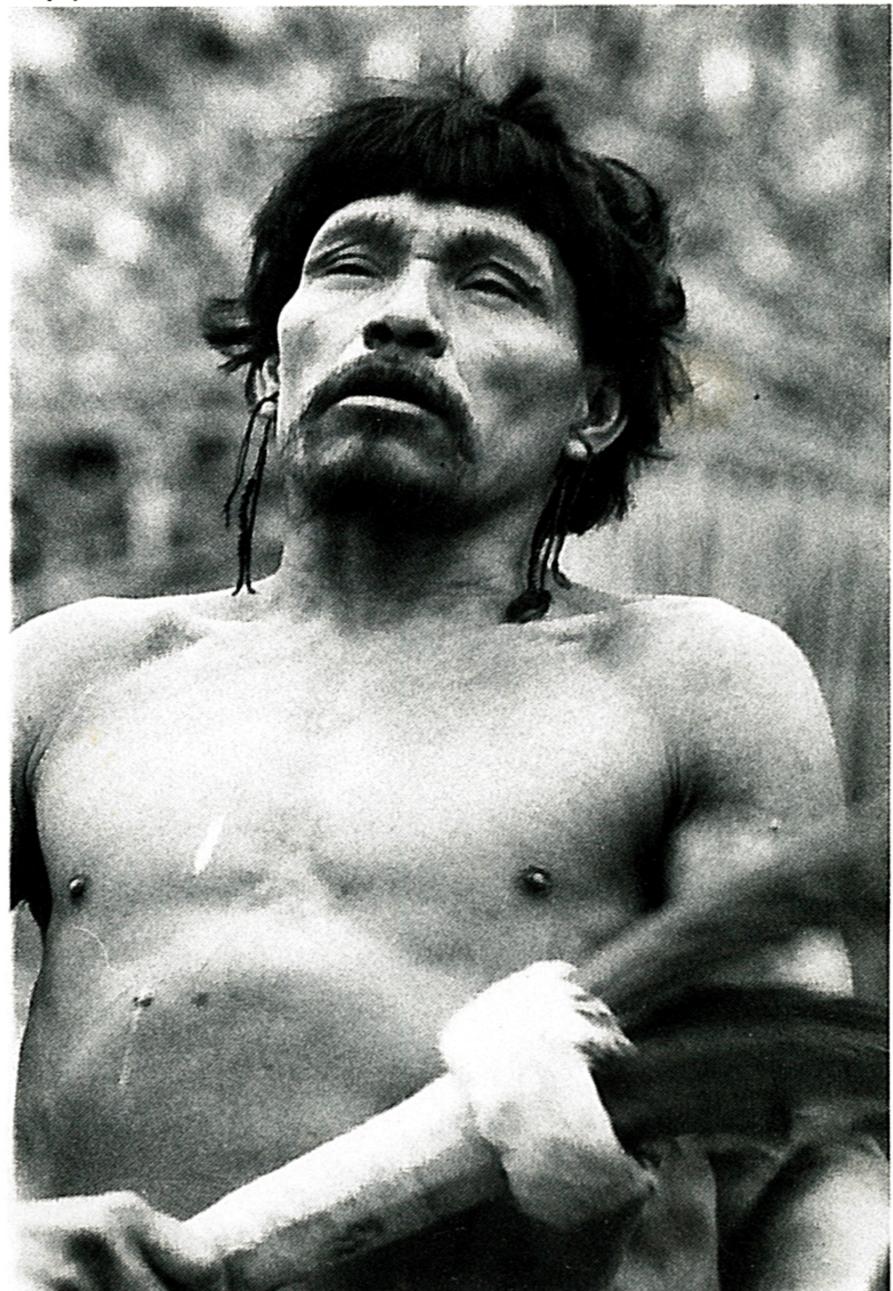


FOTO: BETO RICARDO/CEDI



apresentam

ARAWETÉ

VISÃO DE UM POVO TUPI DA AMAZÔNIA UMA EXPOSIÇÃO MULTIMEIOS

no

Centro Cultural São Paulo

de 8 de outubro, às 17 horas a 8 de novembro de 1992

de terça a domingo, das 10 às 22 horas

Araweté: visão de um povo tupi da Amazônia, chega ao público da cidade de São Paulo, como parte de um processo de intercâmbio cultural, organizado pelo CEDI em co-patrocínio com a SMCS.

Ao longo dos anos 80 o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), conviveu com os Araweté na aldeia do Igarapé Ipixuna, um afluente do médio Xingu, Estado do Pará. Mais recentemente, a equipe do Programa "Povos Indígenas no Brasil" do CEDI concebeu juntamente com ele um processo de trabalho de longo prazo, na aldeia e na cidade, com um duplo objetivo: apoiar os Araweté diante do contexto atual de pressões regionais sobre seu território e recursos naturais e aproximar a opinião pública urbana da visão de mundo de um povo indígena da Amazônia.

Os araweté se vendo na TV, 1991



A exposição é um evento importante nesse processo. Reune fotografias, pinturas, vídeos, desenhos, objetos, textos, imagens de satélite, sons, mapas e documentos organizados em quatro ambientes: Kã'ã (A floresta), Tã (A aldeia), Mai, Awĩ (Os deuses e os outros) e Documentação.

Além do material já coletado por Eduardo Viveiros de Castro, novos registros e trocas foram feitas em duas viagens a aldeia Araweté: entre outubro e novembro de 1991, durante a estação da seca e em março de 1992, durante as chuvas. No meio tempo, dois Araweté estiveram visitando São Paulo e Rio de Janeiro pela primeira vez. Há pesquisas em andamento para apoiar a fiscalização das fronteiras do território Araweté (reconhecido oficialmente pelo governo federal mas ainda não demarcado), diante do assédio de empresas madeireiras em busca de mogno.

Depois de São Paulo, a exposição estará disponível para uma itinerância. Ao final, o acervo será leilado e os recursos revertidos para a continuidade desse relacionamento com os Araweté.



Centro Cultural São Paulo
Rua Vergueiro 1000 - Vila Mariana
telefone (011) 270-1119
fax (011) 277-3611



Agenda para visitas com monitoria: telefone (011) 270.5746

Maiores informações e agenda de itinerância:

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis 983 cep 01238-001 São Paulo SP
telefone (011) 825.5544 fax (011) 825.7861